

IGUALDADE NÃO TEM COR

Janaína Hahn Ramos¹
Patrícia Fernanda Carmem Kebach²

RESUMO

O artigo a ser apresentado procura relatar as ações do projeto “Igualdade não tem cor”, aplicado por duas acadêmicas bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) – subprojeto Educação Infantil, do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Taquara (FACCA). Esse projeto foi aplicado na EMEI Alice Maciel, tendo como objetivo sensibilizar as crianças para o respeito, apreciação e valorização da cultura africana, através de atividades lúdicas. No decorrer do projeto, foram desenvolvidas várias práticas significativas oportunizando aos alunos contextualizar e vivenciar a cultura africana, tendo como fonte de inspiração imagens, vídeos, a arte e as brincadeiras do continente africano. A proposta evidenciou oferecer para a faixa etária de 4 a 5 anos a importância de convivemos socialmente com as mais diferentes origens culturais.

Palavras-chave: Cultura Africana; Diversidade; Educação Infantil;

INTRODUÇÃO

Cada vez mais é necessário assegurar o direito à igualdade de condições de vida e cidadania para melhores condições humanas. Refletir desde a infância sobre as mais diversas culturas é reconhecer e valorizar os povos que trabalharam muito para a formação econômica e social do nosso país.

A lei 10.639/03 aponta para o fato de que todos somos sujeitos históricos e sociais, tendo como princípio básico a igualdade. Através das novas legislações, ocorre a necessidade de mudanças na atuação de educadores e gestores nas áreas

¹ Acadêmica bolsista Pibid da Pedagogia - Educação Infantil - da FACCAT.

² Coordenadora do Pibid da Pedagogia – Educação Infantil – da FACCAT. Professora da Pedagogia, Coordenadora do Núcleo de Apoio Psicopedagógico da FACCAT. Doutora em Educação pela UFRGS.

educacionais. Embora isto possa representar ser uma missão difícil, entender e ensinar a cultura africana é algo fabuloso, pois, atrás do rótulo de miséria e doença, imagem estereotipada do continente africano, há uma riqueza de diversidades em arte, cultura, rituais, religiões, musicalidade, línguas, danças, sistema ecológico entre outros aspectos. A África disponibiliza de paisagens e expressões culturais magníficas para serem apreciadas, valorizadas, respeitadas e, principalmente, divulgadas.

Conforme o documento do MEC (Ministério da Educação e Cultura),

A lei deixa nítida a obrigatoriedade do ensino de conteúdos sobre a matriz negra africana na constituição da nossa sociedade no âmbito de todo o currículo escolar, e sugere as áreas de História, Literatura e Educação Artística como áreas especiais para o tratamento desse conteúdo, tanto no Ensino Fundamental como no Ensino Médio. (MEC, 1996, p.01).

Dessa forma, torna-se cada vez mais necessário compreendermos e revisitarmos a cultura africana, a qual contribuiu e ainda contribui muito para a construção social, econômica e cultural da nossa nação. Desconstruir os preconceitos raciais desde a infância, através de atividades e projetos realizados é contribuir para uma melhor formação da sociedade brasileira.

Segundo o pensamento de Freire (1982), uma Educação libertadora passa pela tomada de consciência sobre os processos de opressão. Por isso, é necessário que as crianças se conscientizem, desde cedo, que interagir com a diversidade é algo que proporciona o respeito à diversidade, ou seja, que nenhuma manifestação cultural deve ser considerada como inferior ou excluída do currículo escolar. O mundo, desse modo, só pode ser transformado, na medida em que todos tenham o direito de livre expressão e compreendam as diferentes formas de se expressar culturalmente, através de suas múltiplas linguagens. As etnias afrodescendentes têm sofrido opressões sucessivas sobre suas formas de se manifestar nas diversas áreas como, por exemplo, na religiosidade e nas manifestações artísticas. Assim, para que sejam respeitadas como uma forma a mais de manifestação cultural, é necessário que as crianças conheçam a cultura africana, pois somente compreendendo a importância desta cultura para nossa sociedade é que podemos valorizá-la.

Portanto, cabe ao educador desenvolver atividades significativas com seus alunos, para que eles possam conhecer e compreender as diversidades culturais

existentes, conscientizando-os a manter condutas de respeito mútuo, em seus relacionamentos sociais, de forma que possam abastecer-se culturalmente com interações diversificadas.

DESENVOLVIMENTO

A proposta em questão é parte do projeto “Igualdade não tem cor”, o qual nos fez refletir sobre a seguinte questão: de que forma é possível promover práticas educativas, para que os alunos possam interagir e obter conhecimentos sobre a cultura africana?

Partindo desse argumento, as acadêmicas bolsistas Pibid Janaína Ramos e Beatriz Martins passaram a realizar práticas pedagógicas com os alunos do Pré I-A da Escola Municipal de Educação Infantil Alice Maciel, parceira do Pibid da Pedagogia do município de Taquara – RS. Essas atividades foram projetadas sob a supervisão da Coordenadora Patrícia Kebach e da Supervisora, bolsista Pibid, que é Coordenadora Pedagógica na escola, Magda Saraiva. Todas as atividades foram pensadas para serem aplicadas de forma lúdica, visando a despertar o interesse dos pequenos pelos conhecimentos em jogo.

Num primeiro momento, as acadêmicas bolsistas contaram a história “As tranças de Bintou” de Sylviane A. Diuf. Com este conto foi possível trabalhar com as crianças a identidade de cada um, seus diferentes fenótipos, enfim, que cada um é diferente do outro, mas que todos temos de nos respeitar. Assim, os alunos analisaram suas cores de pele, cabelo, compararam o comprimento de suas mãos com as do colega, dialogaram sobre o assunto e, dessa forma, refletiu-se sobre as diferenças e sobre a aceitação do outro.

Quando se trabalha com a aceitação da diversidade, é possível humanizar (FREIRE, 1987) progressivamente as crianças. Assim, elas vão aprendendo que não precisam se tornar seres acomodados, que necessitam sempre uma voz heterônoma de comando, mas que todos têm a liberdade e o direito de se expressar e se manifestar, a partir de suas próprias vivências culturais.

Neste sentido, promove-se o tratamento de igualdade em relação a todas as pessoas da sociedade, embora, tenhamos características diferentes. Após a compreensão do assunto tratado, as crianças puderam desenvolver a criatividade

através de pinturas em um pano, simbolizando a arte africana, desenhando os cabelos de “Bintou” em uma linda pintura.

A segunda prática oportunizou uma reflexão através das imagens de alguns dos costumes do continente africano como, o uso de máscaras e colares. As máscaras confeccionadas pelos povos de algumas regiões da África retratam algum acontecimento. Elas estão destinadas a captar a força vital que escapa de um ser humano ou de um animal, no momento de sua morte. Por isso, são usadas em festas, cerimônias e rituais. Da mesma forma que as máscaras, as miçangas usadas nas confecções dos colares africanos, também exercem vários significados, simbolizam a classe social, fertilidade, vida longa e outros contextos. Para a Educação Infantil, poder confeccionar alguns destes símbolos é algo lúdico e de muito significado, pois as crianças da faixa etária com a qual se trabalhou, pertencem ao estágio do simbolismo (pré-operatório) e compreendem o mundo, progressivamente, especialmente, através de jogos simbólicos, como propõe a teoria piagetiana (PIAGET,1990). Por isso, conhecer estas representações que movimentam o mundo da imaginação infantil é muito apropriado para esta faixa etária. Assim, as acadêmicas bolsistas propuseram para os alunos a confecção de máscaras e também colares, utilizando materiais recicláveis e tecidos coloridos.

As crianças também puderam conhecer as belas paisagens encontradas na África, através de um vídeo que assistiram. Depois, os alunos representaram, em forma de maquete, a savana- africana, um lugar exuberante e composto por várias espécies de animais selvagens. Para a maquete, foram utilizados materiais como erva-mate, que simbolizou o espaço verde (gramado), galhos de árvores para representar a selva e, ainda, materiais recicláveis, que foram usados para confeccionar alguns animais, como a girafa, elefante, zebra, chita, leopardo, leão e o rinoceronte. Na produção da maquete, as acadêmicas bolsistas oportunizaram o máximo de protagonismo das crianças, para que elas pudessem desenvolver sua criatividade.

A música também foi conteúdo trabalhado no projeto. Foi primordial contextualizar para as crianças que vários estilos musicais do Brasil são derivados da cultura africana, assim como ainda hoje, no Brasil, utilizam-se vários instrumentos de origem africana, como o tambor, as clavas, o afoxé, o caxixi, o agogô, entre outros. Assim, as acadêmicas bolsistas trouxeram alguns destes instrumentos para as crianças conhecerem, educando-as musicalmente através do contato e

exploração sonora destes materiais de origem africana. Nessa prática, os alunos, primeiramente, foram convidados a escutarem e identificarem alguns dos instrumentos que foram mostrados e, depois, a explorarem, podendo manipular estes instrumentos. Após, iniciaram a fabricação de tambores, chocalhos, ganzás e clavas, com o intuito de construir conhecimento sobre a musicalidade africana.

Do mesmo modo, através da contação de história que as acadêmicas realizaram, as crianças puderam conhecer alguns costumes envolvendo a culinária africana. Após terem assistido a hora do conto e refletido sobre a culinária, os pequenos foram convidados a se dirigirem para o refeitório para produzirem e degustarem um docinho chamado “brigadeiro”, tendo, como ingredientes, a bolacha maria, leite condensado, chocolate em pó e o amendoim que, mesmo sendo derivado dos países andinos, hoje faz parte da culinária africana. Após essa atividade, sendo auxiliadas, as crianças se dirigiram ao pátio da escola, para que plantassem temperos em copos plásticos, na condição de que eles cuidassem da plantinha com a mesma igualdade das demais plantas cultivadas em suas casas. Afinal, cada ser do planeta merece o mesmo respeito e cuidado!

As acadêmicas finalizaram as atividades do projeto “Igualdade não tem cor” com a sexta aula aplicada. Como culminância do projeto, as crianças puderam se vestir com tecidos coloridos, as máscaras e os colares confeccionados por elas mesmas. Assim, puderam expressar-se ouvindo músicas africanas e acompanhá-las com seus instrumentos musicais, convidando a todos da escola para participar da atividade, integrando-se a este momento de diversão.

CONCLUSÃO

A esperança de um mundo melhor, sem preconceitos e injustiças raciais, só pode se tornar real se iniciarmos um processo de conscientização sobre respeito às diferentes etnias e igualdade para todos já na primeira infância.

Através do projeto “Igualdade não tem cor”, os alunos puderam interagir com a cultura e arte africana e, desta forma, proporcionar momentos de enriquecimento cultural para os pequenos. A partir da avaliação realizada sobre as ações do projeto, pôde-se constatar um real envolvimento das crianças em todas as atividades.

Assim, o projeto visou a proporcionar diferentes interações com a etnia negra e suas formas de expressão, através de atividades lúdicas, o que tornou a

aprendizagem significativa, cooperativa, divertida e, certamente, marcante pela livre expressão das crianças através do envolvimento dos cinco sentidos.

Devemos apostar na educação e conscientização das crianças de hoje, para que o futuro seja melhor, mais humano, mais cooperativo e com menos injustiças sociais. Conhecer diferentes povos que habitam nosso país e suas origens culturais significa respeitar e abolir a discriminação, valorizando a cultura e a diversidade do Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil nº 9394/96**. Brasília, MEC, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PIAGET, Jean. **Epistemologia genética**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.